



A TRAJETÓRIA DA INDISCIPLINA ESCOLAR: FENÔMENOS QUE MARCAM O PAPEL DO DIRETOR AO LONGO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Correia, Marinêz Luiza¹

Universidade Tuiutti do Paraná (UTP)
maluchopim@yahoo.com.br

RESUMO

O propósito deste artigo foi analisar aspectos da trajetória histórica da indisciplina escolar, tendo como base os relatos escritos datados da década de 1960 a 1970: são livros de ocorrências pedagógicas e atas de conselhos de classe de duas escolas². Recorreu-se a estes registros para um estudo sobre a indisciplina na escola de outrora, pressupondo-se que este não é um fenômeno da atualidade. Iniciou-se pela percepção dos sujeitos com relação à indisciplina para, em seguida, descrever os papéis exercidos pelos educadores centrando-se no papel exercido pelo diretor da escola. A transcrição de alguns fatos levou à compreensão do porque na escola, ainda hoje, alguns professores, esperam que o diretor resolva ou apresente solução para os problemas de indisciplina. A análise destes documentos constatou que a escola de outrora elitizava e homogeneizava a clientela e seus comportamentos, visto que quem não se adequava dela era eliminado.

Palavras-chave: indisciplina escolar; educação; poder.

ABSTRACT

The purpose of this article was to analyze aspects of the historical path of the school indiscipline, tends as base the reports written dated of the decades of 1960 and 1970: they are books of pedagogic occurrences and minutes of pieces of advice of class of two schools. It was fallen back upon these registrations for a study on the indiscipline in the school of formerly, being presupposed that this is not a phenomenon of the present time. He/she began for the perception of the subjects regarding the indiscipline for, soon afterwards, to describe the papers exercised by the educators being centered in the paper exercised by the director of the school. The transcription of some facts took to the understanding of the because in the school, still today, some teachers, hope the director solves or present solution for the indiscipline problems. The analysis of these documents verified that the school of formerly elitizava and it homogenized the clientele and their behaviors, because who was not adapted of her was eliminated.

Key-word: he/she demoralizes school; education; power.

¹ Professora de Matemática, graduada pelo CEFET de Pato Branco, Especialista pela UNICENTRO – Guarapuava, mestranda da Universidade Tuiutti do Paraná, na modalidade de Prática de Pesquisa e elementos articuladores.

² Nas transcrições, para melhor caracterização as escolas serão chamadas de “escola x” e “escola y” e pertencem aos municípios de Chopinzinho e Coronel Vivida.



INTRODUÇÃO

Quando se aborda um texto sobre uma das questões mais polêmicas que estão norteando a educação escolar – a indisciplina – não se pode deixar de considerar alguns aspectos interagentes ao meio em que essa educação se realiza, à escola como foco principal e as suas relações com o ambiente legitimadas pelos professores que adentram a escola com concepções, percepções e formações próprias, e que nesta interação percebem estes comportamentos de formas diferenciadas que podem ser conseqüências de sua trajetória docente. Como ressalva Sampaio³ (1996 apud CURTO, 1998, p.32) “a questão da indisciplina na escola é um mar de equívocos”, existem ações desconectadas e heterogêneas na constatação da indisciplina e também no que diz respeito à expectativa de atuação dos atores da escola: professores delegam e esperam que a equipe pedagógica, juntamente com seu diretor apresente soluções, estes na tentativa de resolução buscam na família do aluno a solução, numa corrente de culpabilização que consome tempo e energia com resultados quase que insignificantes.

Além disso, não é possível ignorar que as mudanças, têm evidenciado o estabelecimento da indisciplina, pois quanto mais as instituições de ensino têm buscado disseminar métodos, técnicas e maneiras de facilitar a apreensão do conhecimento, identificar comportamentos que questionam e se posicionam no contexto da investigação, mais se torna premente a relação indisciplinada dos alunos consoantes ao seu meio escolar. Acirradas pelo agravante de existir uma desconexão de percepções e de configurações de tais comportamentos, levando, muitas vezes, os dirigentes e os professores a atribuírem estes comportamentos à contemporaneidade, salientados por Aquino (1998, p.03), na fala de alguns professores que chegam a afirmar “que o aluno de hoje em dia é menos respeitador que o aluno de antes [...] a escola atual teria se tornado mais permissiva [...] em relação ao rigor da educação de antigamente.”

No entanto, ao refletir sobre uma educação coerente e satisfatória para a escola e para o educador, corroborando para que se elucidem cada vez mais os

³ O psiquiatra Daniel Sampaio debruçou-se sobre a problemática da indisciplina, constatando que os comportamentos elencados como indisciplinados variam: das percepções de professores/equipes/alunos gerando um mar de equívocos.



meandros que engendram a indisciplina no meio escolar, não é sem sentido perguntar: A que escola, exatamente, referem-se estes professores? Que leitura se pode fazer dos papéis dos sujeitos desta escola? Como eram tratados os comportamentos indisciplinados dos alunos? Existia delegação de funções no trato das questões disciplinares? Será correto afirmar que os problemas comportamentais dos alunos são da contemporaneidade?

Quem sabe, ao proceder-se uma nova e redimensionada trajetória das condutas indisciplinadas por parte de aluno, seria uma forma de neste percurso compreender o que hoje vem ocorrendo na escola, se estas ações tiveram um configurar crescente, de que maneira eram tratadas e percebidas, que papéis exerciam os atores da escola e o que outrora era caracterizado como indisciplina.

Segundo Aquino (1996, p.39), a indisciplina escolar não é um fenômeno estático, mas mudou suas características ao longo das últimas décadas, mostrando diferenças daquela observada no passado. Atualmente “a indisciplina escolar apresenta expressões diferentes, é mais complexa e criativa, e parece aos professores mais difícil de equacionar.”

Na visão de Garcia (1999, p. 103), existem hoje novas formas de se produzir a indisciplina compreendendo o engajamento do aluno, mesmo que de grupos divergentes, que se organizam e estabelecem atitudes indisciplinadas coletivas, que se configuram em “estratégias para intimidar uma professora a ponto de forçar que esta abandone a escola”. Estes comportamentos estavam na escola do passado?

Assim, a intenção é pesquisar obras, publicações e documentos escritos que discorram e comprovem que a indisciplina não é um fenômeno atual, mostrando quais os comportamentos indisciplinados, de que maneira eram tratados e que papéis exerciam diretores, professores e alunos. Estas informações podem ser contributivas para uma análise substancial em torno do entendimento da configuração da indisciplina na contemporaneidade e a uma leitura aprofundada em torno de algumas culturas disciplinares que estão vigentes nas escolas de hoje defendidas pelos seus agentes: Primeiro: Esperar que se trate a indisciplina pelo controle, a vigilância e a punição; Segundo: Centralizar na equipe e no diretor da escola a solução dos problemas de indisciplina que acontecem na sala de aula.



2 O MODELO ESTÁTICO DE ESCOLA E O PAPEL DO DIRETOR

Os registros analisados mostram que as imagens esperadas dos alunos eram de sujeitos dóceis, obedientes, cumpridores de suas tarefas e que permanecessem sentados enquanto o professor explanava a matéria, sair disso era transgredir a disciplina esperada e assinar o livro de ocorrências com a promessa de que este comportamento não se repetisse. Na transcrição a seguir, percebe-se que além de se garantir que não haveria incidência nos mesmos comportamentos indisciplinados, os mesmos eram tratados com mecanismos marcados pela coibição e a repressão, ressaltando uma forte verticalidade nos papéis, o professor era o dono da verdade e do saber absoluto, e a figura do diretor aparece como aquele que daria suporte as ações dos professores sustentando o papel de comandante e controlador da situação.

Sobre a escola primária anexada a Escola Normal Regional foram tratados os seguintes assuntos: Aproveitamento e disciplina escolar. Havendo um “aluno problema” cursando o 1º ano, que por seu mau procedimento em classe e prejuízo ao aproveitamento escolar, foi resolvido pela diretora que o mesmo passaria a receber na mesma escola, aulas particulares de bons procedimentos.” (livro 06, p.02, ano de 1960, da escola x).

“Nesta reunião tratou-se ainda do problema das tarefas escolares[...] a incompreensão do pais prejudica o trabalho do mestre.” (livro 06, p.06, ano de 1961 na escola x).

“[...] tomou a palavra a senhora diretora agradecendo a presença das autoridades e senhores pais dos alunos e pedindo a colaboração dos mesmos que vigiassem as tarefas escolares e comportamento de seus filhos.” (livro 06, p.13, ano de 1963 na escola x).

“Falou-se ainda sobre os problemas de disciplina e abuso nas provas, utilizando-se colas ou cadernos abertos. [...] a diretora falou ainda que todo o aluno deve trazer seu material completo para as aulas diárias.” (livro 07, p.01, ano de 1967, na escola x).

“Foi discutido o problema disciplinar das normalistas (greve) e a solução seria dada posteriormente por determinação do senhor diretor.” (escola y, p.03, ano de 1968).

Pode-se ainda fazer a leitura de que nestas relações o poder e autoridade eram usados para conduzir e normatizar as relações tanto na sala de aula como na



escola em geral, havendo uma autoridade imposta, centralizada e nunca construída. Conforme interpretado pela leitura dos documentos, a disciplina era considerada como um valor que devia ser cultivado, e ao professor e diretor da escola cabiam os papéis deste controle e o uso da autoridade para fazer cumprir a disciplina esperada. Uma relação caracterizada na pesquisa de Afonso (1989 apud CURTO, 1998, p.38), como sendo assimétrica, onde o poder do professor e do diretor da escola é mais forte que o poder dos alunos. No entendimento do autor “de um modo geral, o poder do professor impõe-se ao poder dos alunos.” São destas relações assimétricas de mando que denotam os conflitos, na pesquisa ela está caracterizada pelas seguintes citações:

“A senhora diretora levou ao conhecimento dos senhores professores os seguintes assuntos: 1º Todos os alunos devem vir uniformizados de acordo com o novo uniforme exigido. 2º Os alunos que não vierem uniformizados não poderão assistir às aulas do dia. 3º Os alunos que não assistirem às aulas de Educação Física não poderão assistir às outras aulas. 4º As carteiras nas salas de aula deverão ser numeradas de acordo com o seguinte: A₁, B₂, C₃...” (livro 07, p. 06, ano de 1970, na escola x).

Percebe-se que o papel atribuído ao diretor da escola era como o de um gerente de operações, de guardião das expectativas e das normas da sociedade vigente e da hierarquia superior.

Algo também interessante observado nos relatos, era de que a figura do professor era almejada como exemplo de conduta social, tanto que em um dos relatos evidencia-se que o mesmo deve portar-se de maneira exemplar, digna e de virtudes morais incontestáveis, pois estes deveriam ser seguidos pela sociedade.

“O comportamento dos professores, mesmo fora da escola deve ser ótimo, pois os mestres são modelos para seus discípulos”. (livro 07, p.07, ano de 1971, na escola x).
“[...] tomou a palavra, salientou muito bem a grandeza do magistério, confirmando que este ideal é mais um sacerdócio do que uma profissão. Para que se exerça este sacerdócio é importante um ambiente de harmonia, paz e tranqüilidade.” (livro 07, p.07, ano de 1973, na escola x).

Neste momento histórico da escola, percebe-se nitidamente que além da tarefa de repassar os conhecimentos, esta estabelecia relações sociais específicas e influenciava na aprendizagem de comportamentos ditos corretos e esperados pela



sociedade. Aos professores cabia a conduta exemplar dentro e fora da escola, remetendo à idéia de que exercer a profissão docente era um sacerdócio. Nestes livros existem uma formação de modelos comportamentais desejados e exigidos pela sociedade com relação aos docentes.

Desta maneira, eram reforçados os processos de vigilância e delação como forma de corrigir os comportamentos indisciplinados. A vigilância era incansável, para manter a ordem e a disciplina, exigindo que os alunos nunca ficassem desocupados e isto é posto tanto para os professores quanto para os seus alunos. Este sistema de nortear as ações da escola aparece no livro de ocorrências das reuniões de conselhos de classe:

“Os professores devem exigir disciplina, ocupar o tempo integral, dar mais exercícios.”(escola y, p. 36, ano 1976na escola x).

“A seguir foi combinado que todos os professores e alunos receberiam uma cópia do regimento interno, e a parte dos deveres e direitos dos alunos, seria assinada.Foi ainda debatido assuntos disciplinares – respeito aos superiores e aos colegas – os alunos que cometessem “faltas”deveriam assinar o livro de chamada em ocorrências disciplinares.”(escola y,p.03, ano de 1968,na escola x).

“Os alunos deverão cumprir [...],o seguinte: 1º reparação das faltas disciplinares internas e inclusive os folhetos espalhados.2º cada serie elegerá,dois alunos competentes,responsáveis pela disciplina e limpeza da classe[...]3º Todos irão marchar e o uniforme será o mesmo do ano passado.(escola y, p.6, ano de 1968,na escola x).

Os documentos relatam que o espaço escolar era ordenado em torno do cumprimento das tarefas, do uso do uniforme e que os alunos deveriam ser submissos a estes compromissos; e, o descumprimento era punido através do uso da autoridade do diretor que usava desta para estabelecer penas ou para então criar normas e regras para controlar comportamentos. Conforme contribui Lück (2000, p.13), “as tensões, contradições e conflitos eram eliminados ou abafados”

“A seguir, a diretora solicitou aos professores, que observassem os alunos, quanto ao uso dos uniformes, colaborando assim com a disciplina interna do estabelecimento. Falou ainda que o horário das aulas deveria ser respeitado e que o aluno que chegasse atrasado na 1ª aula, seria dispensado das outras.”(escola y, p.08, ano de 1969).



“Quanto aos assuntos disciplinares, estabeleceu-se o seguinte: Proibição dos alunos fumarem no estabelecimento, saída antes do término da última aula, entrada na sala somente com calçado limpo, observar o horário da 1ª aula, oração no início e no final do período das aulas.” (escola y, p.09, ano de 1969).

Assim, administrar a escola correspondia a comandar e controlar, usando-se para tal, uma visão objetiva de quem atua sobre a escola e intervém de maneira distanciada, para assim manter a autoridade, totalmente centrada na figura do diretor (LUCK, 2000). Este procedimento de gestão escolar mantinha as relações de forma linear, centralizada e reprodutiva, pois o intuito era modelar comportamentos, prever ações e nortear rumos, sair desta premissa era ser excluído do sistema educativo, onde a indisciplina era vista como uma disfunção e o tratamento era a expulsão. Abaixo é transcrito o capítulo II do regimento interno, da escola y:

Das penas disciplinares:

Art. 77º - São penas disciplinares aplicáveis aos alunos:

a) advertência em sala de aula; b) anulação do trabalho escolar; c) advertência pela diretoria; d) suspensão por 5(cinco) a 30(trinta) dias; e) suspensão de freqüência as aulas por 1(um) a 3(três) dias; f) exclusão de exame e anulação da prova; g) cassação da matrícula mediante a guia de transferência; h) suspensão por um ou dois anos letivos; i) expulsão do Colégio.

Apesar da disciplina imposta e do regime de coação existentes, pode-se notar que a escola de outrora não era tão harmoniosa como apregoam hoje alguns professores. Os alunos também demonstravam não estarem satisfeitos com esta relação autoritária, que gostariam de ter participação nas decisões sobre aspectos da escola, particularmente os que tratavam de suas trajetórias na escola. Organizavam-se “indisciplinadamente” indo contra as decisões, como elencado nas transcrições:

“Fato ocorrido com a 3ª do noturno no dia 12 de agosto do corrente ano, em que os alunos, com exceções, recusaram-se a trocar de calçado na entrada. O diretor ordenou que os alunos entrassem na sala e que aguardassem a solução [...]. No dia seguinte apareceram folhetos, espalhados entre estudantes e na cidade com manifestos contra a ordem de trocar de calçado, ofendendo a direção e professores [...] os alunos [...] do diurno também se opuseram a trocar de



calçado, provocando indisciplina no estabelecimento.” (escola y, p.5, ano de 1968).

“A seguir fez saber aos senhores professores, que recebera uma carta dirigida a todos os professores [...] escrita por alunos da 3ª e 4ª serie, a qual continha palavras contra os professores, dando inclusive uma lição de moral que nos deve levar à reflexão.” (escola y, p.4, ano de 1970).

“A aluna Margaret⁴ reclamou que eram tratadas como crianças [...] E assim sucederam mais alunas tecendo comentários em torno do assunto, todas insatisfeitas e vários aspectos foram abordados como: antipatia, falta de didática, comunicação, assuntos superados, preparação de aulas inexistentes, falta de calor humano, preferência por alunos, notas injustas, etc...” (escola y, p.26, ano de 1972).

Estas manifestações, conforme a análise feita nos livros, apesar de existirem, eram poucas, e o procedimento em todas as transcrições consistia em abafar ou remediar, pois se isso repercutisse, a leitura feita pela sociedade era de que a escola não tinha um diretor eficiente, que ações desta natureza demonstravam a fragilidade de quem estava à frente da escola.

3 ANÁLISE

A leitura e análise destes documentos de ocorrências datados da década de 60 e 70 nos levam ao entendimento de que a aplicação de penas disciplinares garantia a autoridade do diretor e do professor, como forma de estabelecer a ordem e a disciplina neste momento vivido, sendo que através do medo e da vergonha de sofrer penalidades existia certa ordem na escola. Isto leva a uma análise da questão sobre dois aspectos: o primeiro, era de que se respeito era gerado pelo medo e o segundo, é de que atualmente existe dentro das relações da escola uma cultura formada pelos professores que esperam do diretor e da equipe pedagógica que as atitudes indisciplinadas do aluno tenham um tratamento meramente punitivo. Para estes professores persistem a visão e a fidelidade de que a disciplina é automática sustentada pela imposição e obtida através da rigidez e do controle dos comportamentos dos alunos, sendo o seu estabelecimento e a sua manutenção um papel da equipe pedagógica, mais especificamente do diretor da escola. Um pensamento advindo do senso comum, pois esquecem estes professores que eles

⁴ Nome fictício da aluna.



fazem parte do processo e a negação de seu compromisso não contribui de forma alguma para as atitudes de enfrentamento do problema.

Colocam-se por terra aquelas saudosas atribuições muito comuns nas escolas da contemporaneidade de que a escola de antigamente não tinha problemas e as coisas funcionavam. Não analisam eles que esta escola, conforme colabora Aquino (1998, p.03), “era uma escola para poucos. Uma escola elitista. Exclusão, [...] já estava lá [...] na escola de antigamente.” Para esta escola tratar os problemas de indisciplina era livrar-se deles, pois em seus regimentos internos eram previstos que os comportamentos transgressores eram punidos com a expulsão. Uma escola totalmente excludente, ainda no relato do autor, “segregacionista e elitista, atendendo uma parcela pequena e já privilegiada da população”.

Ainda se torna contributivo dizer que esta escola visava somente o comportamento dos alunos, e a formação crítica destes sujeitos era relegada a um plano muito distante, pois o que se privilegiava era somente o controle através do medo e a coação. Neste tipo relação a formação de opiniões inexistem, o alvo é apenas o “bom funcionamento” da escola. Temos exemplos entre nós mesmos de pessoas que são frutos de forma direta ou indireta deste modelo de escola preconizada, que na contemporaneidade tem medo de falar em público, tomar decisões, escreverem projetos, relacionar-se com os alunos, etc... Estas são algumas evidências desta escola que apenas modelava os comportamentos, que colaborava para a reprodução aniquilando a criatividade, pois o discurso apregoado por esta escola reproduzia o momento político do país, que não precisava formar sujeitos opinativos, mas disciplinados.

“O primeiro assunto desta reunião versou os últimos acontecimentos políticos em relação com a escola. [...] as notícias políticas colhidas pelo rádio, proibiam a atividade escolar em qualquer ponto do país.”(livro 06,p.09,do ano de 1961,na escola x).

Ora, o aluno da contemporaneidade é fruto de outros tempos históricos, que conduziram à democracia, e esta é configurada pela divergência e a liberdade das idéias; este é um fato que às vezes na confusão, do dia a dia da escola, ou até mesmo na isenção de pensarmos em soluções conjuntas, não tem sido levado em consideração. Embora o modelo de democracia que foi apregoado esteja longe da



igualdade e da justiça social, neste regime, são preponderantes o respeito pelas opiniões e pelas idéias, algo ausente na escola de outrora e presente na escola da contemporaneidade. A democracia na escola seria expressa pela negociação de regras de conduta, contratos pedagógicos e enfim, todas as formas de convivência em que configurem o respeito mútuo, elencados e criados por todos os sujeitos da escola, e não da forma como vem ocorrendo na atualidade, onde se espera que o diretor e a equipe pedagógica resolvam. Estabelecer maneiras de enfrentamento está a cargo de toda a comunidade escolar, construídas, refletidas e elaboradas na/pela coletividade. Conforme acrescenta Garcia (1999, p.102):

Assim, as expectativas da escola, por exemplo, devem refletir não a uma disposição autoritária elaborada por um determinado grupo responsável por processos decisórios na escola, mas uma orientação de base consensual que reflita a contribuição de toda a comunidade ligada à escola, e não apenas por profissionais que nela atuam.

A suposição de que há na escola a ausência de bases democráticas na forma como são articuladas as relações entre professores e alunos no interior da escola, poderá desencadear certa resistência por parte dos estudantes e aos próprios esquemas da escola, cujo procedimento deve levar em conta a impressão de indisciplina, que carrega uma legitimidade e pertinência difíceis de negar (GARCIA, 1999 p.102).

Embora Rebelo (2002) compreenda que a instituição escolar seja instrumento de manipulação a serviço da ideologia liberal, a maioria das escolas na atualidade apresenta por meio de seus currículos os objetivos de adestrar, domesticar e condicionar os alunos como a escola de outrora, estes alunos ainda recebem conhecimento de forma impositiva para um favorecimento de mão de obra que garanta a permanência de uma minoria no poder. Sendo assim, percebe-se que as mudanças residem na sua época de ocorrência tendo como cenário a escola e seus atores, mas as atitudes e ações prevalecem e por vezes continuam as mesmas.

CONCLUSÃO

Os problemas disciplinares vividos pela escola nas décadas pesquisadas têm conotações diferenciadas daqueles que surgem na contemporaneidade, porém,



muitas ações e atitudes dos atores na escola prevalecem. Alguns professores ao se reportar à escola de outrora como aquela onde havia mais respeito, esquecem-se que aquela era uma escola construída a serviço de uma ideologia política e social dominante. Os papéis desta escola eram a serviço da ideologia do Estado, cuja tarefa de controle estava centrada na função do diretor que repassava aos professores, que eram por sua vez, agentes controladores da ideologia e da moral de seus alunos. Como discorre Curto (1998, p.36), “a submissão e o acritismo (sic) seriam as qualidades discentes desejadas pelo sistema.”

Das relações pautadas neste tipo de modelo estático de escola, emergem alguns pressupostos, destacados por Cabral Neto (1999 apud LUCK, 2000, p. 13), que serão analisados:

- A realidade era linear, cabendo a todos apenas colaborar com a manutenção da mesma.
- Tudo devia ser previsível, ações, comportamentos,... Pois eram normatizados e controlados.
- As disfunções comportamentais, ou indisciplina, seriam evitados ou reprimidos.
- Ao dirigente cabia garantir e obter recursos necessários para o bom funcionamento da escola e professores/alunos são participantes cativos.
- Autoridade do diretor era centrada no seu comando e controle e distanciada da implementação de ações, constituindo assim, uma cultura determinada pela espera e dependência.

Confirma-se que este comportamento indisciplinar não é um fenômeno da atualidade, mesmo que siga os modelos antigos e continue centrando a sua resolução no papel do diretor da escola.

REFERENCIAS

AQUINO, J. G. A indisciplina na escola atual. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v.24, n.2, p.1-14, jul/dez. 1998.

_____. *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003.

CURTO, G. *A escola e a Indisciplina*. Portugal: Porto Editora, 1998.



ESTRELA, M. T. *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina* na aula. 4 ed. Portugal: Porto Ltda, 2002.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva, *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n. 95, p.101-108 jan./abr. 1999.

LÜCK, H. Perspectivas da gestão escolar e implicações quanto à formação de seus gestores. *Publicação Em aberto*, Brasília, v. 17, p.11-33, fev/jun. 2000.

MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionais. *Revista Portuguesa de Educação*, Portugal, v.18, n.001, p.93-115, 2005.

REBELO, R. A. Argento. *Indisciplina escolar*. causas e sujeitos. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.